

ENSAIO SOCIOLINGUÍSTICO DO POVO IKPENG

Angela Fabíola Alves CHAGAS¹

RESUMO

A língua Ikpeng é falada por, aproximadamente, 500 pessoas, que vivem nas Aldeias Indígenas Moygu, Rawo, Arayo e Tupara, no Parque Indígena do Xingu - MT. Neste estudo, apresentamos um esboço da situação sociolinguística do povo Ikpeng, com base em uma pesquisa feita pelo Instituto Socioambiental (ISA), que coletou 216 questionários. A metodologia utilizada para a transformação das informações em dados estatísticos foi a tabulação e projeção estatística dos dados levantados nos questionários. A projeção foi feita através do programa SPSS, utilizado para fazer tanto a projeção linear, ou seja, descritiva dos dados, quanto para fazer o cruzamento das informações obtidas, como: idade 'vs' sexo; número total de crianças 'vs' número de crianças que frequentam a escola, etc. Este levantamento sociolinguístico é referente, apenas, à comunidade indígena Moygu e considera: i) situação sociolinguística; ii) usos e atitudes linguísticas; e iii) educação escolar indígena Ikpeng

PALAVRAS-CHAVE: Ikpeng; descrição sociolinguística; língua; povo.

SOCIOLINGUISTIC ESSAY OF IKPENG PEOPLE

ABSTRACT

Ikpeng language is spoken by approximately 500 people, who live in the Indigenous Villages Moygu, Rawo, Arayo and Tupara, Parque Indígena do Xingu - MT. Here we present a sketch of the sociolinguistic situation of the Ikpeng people, based on a survey conducted by the Instituto Socioambiental (ISA), which collected 216 questionnaires. The methodology used for the processing of information in statistic datas was the tabulation and statistical projection of data collected in the questionnaires. The projection was made by SPSS Program, used to make both the linear projection, that is, descriptive one from the data; and to make the crossing of information obtained: age 'vs' sex, number of children 'vs' number of children attending school, etc. This sociolinguistic survey refers only to the community Moygu and considers: i) sociolinguistic situation ii) linguistic use and attitudes iii) Ikpeng schooling.

KEY-WORDS: Ikpeng; sociolinguistic description; language; people

1. Introdução

Este trabalho é um esboço da realidade sociolinguística do povo Ikpeng. Seu objetivo é descrever a condição social da língua falada por ele, ou seja, diagnosticar a situação da língua Ikpeng frente à língua portuguesa na dinâmica social de contato dos grupos que as falam.

Para isso, foram analisados 216 questionários, com 21 perguntas relativas ao uso e proficiência dos membros da etnia Ikpeng em relação às línguas Ikpeng e Português e outras que por ventura saibam; e a informações relacionadas ao aspecto sociológico de suas vidas, tais como: casamento, número de filhos, idade com que iniciaram a vida escolar, etc.

O questionário utilizado foi elaborado por membros do Instituto Socioambiental e também por eles aplicado. Esses questionários foram repassados a nós já devidamente preenchidos para que

¹ Professora de Linguística da Faculdade de Letras. Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará. .
E-mail: angchagas@yahoo.com.br

fosse feita a análise das informações obtidas nessa investigação, e que constituem o diagnóstico em si. Além dos questionários, fizemos usos de algumas observações nossas, percebidas durante nossas duas estadas em campo que aconteceram em setembro de 2009 e julho de 2010.

Um dos intuitos desse levantamento foi verificar a facilidade linguística dos Ikpeng, principalmente, nas línguas Ikpeng e Português, para, a partir dos resultados obtidos, elaborar um projeto de conscientização da importância da manutenção da língua nativa dentro da comunidade Ikpeng, por parte dos próprios membros da etnia. Em outras palavras, fazê-los perceber que os principais responsáveis pela perpetuação de sua língua e cultura são eles próprios e não os linguistas e antropólogos que por ventura desenvolvam algum tipo de trabalho junto ao povo.

A importância de estudos deste tipo é que eles levantam informações importantes sobre o estado de línguas e comunidades indígenas e permitem não só o diagnóstico de problemas, o que sozinho não faria sentido, mas também, e principalmente, permite ao pesquisador e à comunidade envolvida ter ideia do que deve ser feito de forma interventora, a fim de tentar sanar os possíveis problemas detectados.

Esse tipo de pesquisa pode auxiliar bastante no desenvolvimento dos planos de educação da comunidade alvo, a exemplo do que vem sendo feito na comunidade Ikpeng, onde o diagnóstico sociolinguístico serve como uma das bases para a confecção do Plano Político Pedagógico desenvolvido para esta comunidade.

2. Algumas informações sobre a língua e o povo Ikpeng

Ikpeng constitui a autodenominação do grupo étnico homônimo conhecido na literatura linguística e antropológica como “Txikão”. Segundo Rodrigues (1986) a língua Ikpeng pertence à família Karib e junto com o Arara forma um subgrupo que inclui duas outras línguas já extintas: Apiaká e Yarumá. No entanto, de acordo com Meira & Franchetto (2005), Ikpeng e Arara formam junto com a língua Bakairi o que eles chamaram de subramo Pekodiano das línguas Karib do Sul.

Os primeiros trabalhos sobre essa língua versam sobre a sua fonologia e foram escritos por Emmerich, em 1980 e 1994. Ainda na década de 1990 outros dois trabalhos foram realizados sobre esta, ambos dissertações de mestrado que tratam da marcação de caso nas orações independentes (CAMPETELA, 1997) e outro sobre a estrutura das orações independentes e relativas (PACHÊCO, 1997). Na década de 2000, duas teses foram defendidas sobre a língua Ikpeng, uma que trata de seus aspectos prosódicos (CAMPETELA, 2002) e outra investiga a morfossintaxe do verbo Ikpeng (PACHECO, 2001). Em 2013, Chagas defendeu uma tese em que trata fundamentalmente sobre a formação morfológica dos verbos, a marcação de pessoa e número nos verbos transitivos e

intransitivos, as alternâncias causativas possíveis na língua e sobre a estrutura argumental dos verbos Ikpeng.

Atualmente, o povo Ikpeng encontra-se localizado à margem esquerda do rio Xingu, próximo ao Posto Indígena Pavuru, no estado do Mato Grosso; porém, nem sempre estiveram localizados nessa região. Antigamente, habitavam uma região no sudoeste do PIX e eram bastante conhecidos e temidos pelos índios que habitam regiões vizinhas, pois tinham o hábito de invadir e atacar outras aldeias com o objetivo de se apropriarem dos utensílios produzidos por esses povos, como cerâmica em geral, e raptarem suas crianças para serem adotadas por eles. (MENGET, 2001).

De acordo com Galvão (1979), a primeira tentativa de contato com os Ikpeng se deu em 1952, através dos irmãos Villas-Boas, acompanhados por dois membros da etnia Juruna, porém, esse contato não foi bem sucedido e os membros da expedição tiveram que se retirar as pressas do território Ikpeng devido a iminente ameaça de morte que sofreram por parte desses índios. No início da década de 1960, um conflito com o povo Waurá na tentativa destes de resgatar duas mulheres raptadas pelos Ikpeng ainda crianças e uma epidemia de gripe dizimou quase metade da etnia.

O primeiro contato bem sucedido dos Ikpeng com não indígenas se deu apenas em 1964, quando os irmãos Villas-Boas encontram apenas 38 indivíduos – 30 homens e 8 mulheres – em situação bastante precária: doentes e subnutridos. Nesse período grupos não indígenas (garimpeiros e madeireiros) invadiram seu território e aumentaram mais ainda as ameaças a sua sobrevivência. Por esse motivo, em 1967, os Ikpeng aceitaram sua transferência para outro território, dentro dos limites do Parque Indígena do Xingu (PIX), nas proximidades do Posto Indígena Leonardo.

Não se adaptando ao local, os Ikpeng mudaram-se para a região do Médio Xingu no início da década de 1980. Em 1985, a administração do PIX criou o Posto Indígena Pavuru que atende todas as comunidades residentes naquela região e que é atualmente administrado pelos Ikpeng e constitui quase que outra aldeia para esta etnia.

3. Situação sociolinguística

Estima-se que na época do descobrimento do Brasil, havia nesse território 1.273 línguas indígenas (RODRIGUES, 1993) que foram desaparecendo por inúmeros motivos ao longo dos séculos. Calcula-se que nos últimos 500 anos, cerca de 85% delas tenham desaparecido. Ainda assim, o Brasil possui atualmente uma imensa variedade de línguas nativas. De acordo com Rodrigues (1986), existem hoje cerca de 180 línguas faladas no território brasileiro, distribuídas em 2 grandes troncos: Macro-Jê e Tupi; 4 grandes famílias: Aruák, Karib, Pano e Tukano; seis famílias de médio porte: Arawá, Katukina, Makú, Nambikwára, Txapakura e Yanomami; 3 famílias de

pequeno porte: Bora, Gaikuru e Mura e 7 línguas isoladas: Aikanã, Kanoê, Kwazá, Irântxe, Mynký, Trumai e Txikuna (MOORE et al, 2008).

Apesar da grande diversidade, a realidade das línguas indígenas brasileiras vem, há muito, preocupando os estudiosos da linguagem. O motivo, é que quase todas elas estão fadadas ao desaparecimento até o fim deste século e, com elas, grande parte do complexo cultural que caracteriza cada um dos povos que as falam.

Segundo Rodrigues (2005), todas as línguas faladas por menos de 100.000 indivíduos estão ameaçadas de extinção. No Brasil, nenhuma língua alcança esse número. De acordo com Leite (2007) as línguas que possuem maior número de falantes são Guarani, Txikuna, Terena, Makuxi e Kaingang e possuem no máximo 20.000 (vinte mil) falantes cada. Infelizmente, esse número está muito abaixo do que é considerado *seguro* e muito acima da média de falantes das línguas do Brasil, onde quase um terço das suas 180 línguas possui menos de 100 falantes (RODRIGUES: 2005). Leite (2007) afirma que “a densidade populacional média é de menos de 200 falantes por língua”.

A realidade da língua Ikpeng não é diferente da maioria das línguas indígenas faladas no Brasil, pois, embora, todos os membros da comunidade ainda falem a língua (como mostram os dados obtidos nos questionários), o número de falantes é bastante restrito (cerca de 500), o que coloca a língua Ikpeng em grande risco de extinção.

Quase todos os moradores da aldeia Moygu pertencem à etnia Ikpeng (94,9%), sendo que 9,7% deles se identificam como Txikão, nome pelo qual eram designados anteriormente. Os demais moradores variam entre membros das etnias Wuará, Kaiabi e Kamaiura, tendo ido morar na aldeia Ikpeng por motivos matrimoniais. Os dados mostram que quase metade da população é casada (45,8%).

Algumas das pessoas não-Ikpeng que vivem na aldeia Moygu devido aos laços matrimoniais, já moram nessa aldeia há décadas e, por isso, aprenderam a falar o Ikpeng; outras, casadas mais recentemente e com pouco tempo de moradia na comunidade, usam o português como língua de contato para interagir com os membros da comunidade que não falam sua língua materna.

Segundo a pesquisa realizada, quase metade dos Ikpeng casados (47%) disse só falar em Ikpeng com seu cônjuge e 45,7% deles disse que usam o Ikpeng e também o Português. Isso mostra que mesmo quando ambos os cônjuges pertencem à etnia Ikpeng, há um grande número de casais que usam a língua portuguesa com meio de interação.

Felizmente, pelo fato de quase todas as pessoas da comunidade falarem a língua nativa (94%) e pela situação linguística das mulheres, como veremos a seguir, a língua materna das crianças ainda é o Ikpeng, porém, tornam-se bilíngues (Ikpeng-Português) muito cedo, fazendo mais uso do Ikpeng no ambiente familiar e do Português no ambiente escolar. De fato, a situação

linguística de algumas crianças é bastante diversificada, pois como há casamentos com membros de outras etnias, além do Ikpeng e do Português, algumas crianças aprendem também a língua da família do progenitor que pertence à outra etnia. É prática entre os Ikpeng que as crianças fruto de casamentos interétnicos passem períodos de tempo com a família do pai e com a família da mãe.

Pachêco (2001) relata que no ambiente escolar, as aulas são ministradas em Ikpeng, por professores da própria comunidade e que o português é utilizado exclusivamente quando a aula trata de questões da cultura não indígena. Atualmente, a situação encontrada não é mais a mesma, a alfabetização se dá em ambas as línguas e os dados mostram que a maior parte das crianças alfabetizadas (59,6%) escreve melhor em Português que em Ikpeng, o que demonstra que a presença da língua portuguesa ganhou bastante espaço na escola nos últimos anos.

A pesquisa feita aponta para um alto grau de bilinguismo dentro da comunidade. Os dados mostram que 75,93% dos Ikpeng são fluentes tanto em Ikpeng, quanto em Português; no entanto, há variação no nível de bilinguismo no que diz respeito ao gênero e à idade dos falantes. Os homens jovens e adultos são mais fluentes em Português que as mulheres da mesma faixa etária. A justificativa para esse fato é que os homens desse grupo etário têm mais acesso à cidade e conseqüentemente aos falantes nativos de Português que as mulheres. Segundo Pachêco (2001), isso ocorre porque são os homens que viajam para a cidade para fazer compras e vender o artesanato.

Entre os idosos também existe distinção, sendo que os homens mais velhos possuem menos fluência que os homens mais jovens. Dentre as mulheres idosas, a maioria apenas entende o Português, elas usam apenas a língua Ikpeng para a interação com a comunidade.

Essa variação no grau de bilinguismo entre os membros da comunidade Ikpeng se dá por vários fatores, tais como: frequência com que interagem com falantes de português e acesso aos diversos meios de comunicação já presentes na aldeia, como televisão, internet, aparelhos de som e DVD, celular, etc. Nem todas as pessoas da comunidade têm as mesmas condições de acesso à língua portuguesa, esse contato varia de acordo com a condição sociocultural que o indivíduo desfruta dentro da aldeia, como gênero (homem e mulher), faixa etária (crianças, jovens, adultos, idosos) e posição social (cacique, chefe do posto, professor).

4. Usos e atitudes linguísticas

Segundo Cruz (2003, 22), as atitudes dos falantes perante a língua, enquanto instituição, se manifestam em atos individuais e ganham enorme importância na relação língua e etnicidade. A extensão desse relacionamento se manifesta em tais atitudes, o que significa dizer que as atitudes linguísticas do falante são um reflexo do significado social da língua e marca a posição que ela ocupa na escala de valores étnicos de um dado grupo.

A aplicação dos questionários permitiu observar os usos e as atitudes que os membros da etnia Ikpeng fazem das línguas em que têm mais fluência (Ikpeng e Português), em diferentes domínios sociais.

No que diz respeito aos usos no cotidiano da comunidade, a prática do Ikpeng supera em muito a do Português. Os falantes fazem uso do Ikpeng, fundamentalmente, para interação entre os membros do grupo, transmissão de sua cultura tradicional - como confecção de artesanato – e normas sociais, festividades e prática de rituais religiosos. De modo genérico, pode-se dizer que o Ikpeng é utilizado na interação entre os membros da comunidade e o Português como língua de contato para falar com membros de outras comunidades e com não indígenas. Isso pode exemplificado pelos dados apresentados abaixo:

Tabela de usos linguísticos de acordo os domínios sociais

Perguntas:	Respostas:					
	Só Ikpeng	Só Português	Ikpeng e Português	Outras Línguas	Não Respondeu	%
11. Você usa qual(is) língua(s) em sua casa?	57,41%	1,39%	33,80%	3,7%	3,7%	100
13. Você usa qual(is) língua(s) falando fora de casa com outros membros da comunidade?	40,7%	16,2%	27,3%	1,4%	14,4%	100
14. Você fala em que língua com seus parentes mais velhos?	81,48%	0,46%	6,48%	7,4%	4,17	100
15. Você fala em que língua com seus parentes mais jovens?	43,98%	2,31%	27,78%	4,16	21,76%	100
16. Você fala em que língua com seus irmãos?	62,5%	1,4%	27,8%	06%	2,8%	100
17. Nas outras aldeias qual língua que você fala?	19%	53,7%	5,1%	2,4%	19%	100
18. Na cidade qual língua você fala?	21,3%	56,5%	9,7%	0,5%	12%	100
19. Quando você está na cidade acompanhado de uma pessoa da sua aldeia, em que línguas vocês conversam?	63%	5,1%	18,1%	23%	10,6%	100

A tabela acima confirma o que foi dito anteriormente, que a língua Ikpeng é usada majoritariamente nos contextos de interação intra-étnicos, isto é, quando dois ou mais falantes de Ikpeng interagem entre si, como vemos nas perguntas N°11, N°13, N°14, N°15, N°16 e N°19; e que a língua Portuguesa é usada em contextos de interação inter-étnico, ou seja, quando os falantes de Ikpeng interagem com indivíduos que não pertencem a sua etnia, como observado nas perguntas

Nº17 e Nº18. Essa atitude é o Cruz (2003, 24) chama de diglosia, que para ele consiste na “coexistência de duas variedades linguísticas (estilo, registro ou língua) com uso funcionalmente diferenciado e excludente dentro da comunidade falante”.

Os dados apresentados nos permitem interpretar que o povo Ikpeng possui uma atitude positiva em relação ao uso de sua língua, pois ela é a preferida nas situações de interação entre os membros da comunidade, inclusive quando estão em ambiente distinto daquele onde residem, como mostra a pergunta Nº 19. Tal atitude nos permite perceber que a língua Ikpeng possui status social elevado dentro do grupo, o que é bastante positivo, pois, esse tipo de relação com a língua tende a retardar o processo de substituição da mesma.

Isso mostra o quanto o povo Ikpeng está lutando para manter a sua identidade linguística e cultural, mesmo frente à condição de dominação política e econômica da sociedade nacional.

5. Educação escolar indígena Ikpeng

O povo Ikpeng valoriza bastante a educação escolar. Entre os vários professores, há alguns com formação acadêmica e pelo menos um que já concluiu o mestrado, os demais pretendem seguir o mesmo exemplo. A Escola Central Ikpeng – Amure é uma das que possui o maior número de alunos no PIX. Atualmente, oferece o ciclo básico completo com ensino fundamental e médio.

A escrita em língua Ikpeng tornou-se possível depois da elaboração do sistema ortográfico da mesma, realizado por Seki em 1994, durante o primeiro Curso de Formação de Professores do PIX, a partir do estudo fonológico da língua, feito por Emmerich em 1980. Essa ortografia foi posteriormente reelaborada por Seki e Gildea e é a utilizada por eles atualmente. No entanto, em nossa última viagem a campo nos foi pedido pelos professores Ikpeng que fizesse uma nova avaliação da mesma, pois os mesmos afirmam que “a língua está criando novos sons que não são pronunciados pelos mais velhos”.

Para isso, é necessário que se faça uma reanálise da fonologia da língua a de saber se este novos *sons* são de fato fonemas ou apenas variações de fonemas já existentes na língua. Esse passo é fundamental antes do estabelecimento de uma nova ortografia para a mesma.

Por causa da grande preocupação dos professores indígenas Ikpeng com a alfabetização de seus alunos, nos foi solicitado também que ministrasse para eles um curso que os auxilie tanto na identificação de fenômenos novos criados pela língua, quanto no ensino formal desses fenômenos linguísticos para as crianças e jovens que frequentam a escola. Estamos preparando o curso para a nossa próxima viagem, ainda sem data definida.

No tocante ao ambiente escolar, o diagnóstico mostrou que 48,3% das crianças que frequentam a escola foram alfabetizadas apenas em Ikpeng, enquanto que 41,1% delas foram

alfabetizadas apenas em Português. Menos de 10% delas responderam que foram alfabetizadas em ambas as línguas. Interpretando os dados de outra forma, é possível dizer que mais da metade das crianças que frequentam a escola (56,9%) foram alfabetizadas em Ikpeng, havendo, portanto, um maior número de crianças que sabem ler mais na língua Ikpeng que em língua portuguesa. No entanto, o número de crianças que não foram alfabetizadas em sua língua materna é grande e há que se perguntar por que os professores elegem apenas uma língua para a alfabetização dessas crianças, quando o ideal é que elas fossem alfabetizadas em ambas as línguas, dada a realidade de contato intercultural em que estão inseridas.

Somando-se aos números acima as pessoas que vivem na comunidade Ikpeng, mas que foram alfabetizadas em outras línguas (como: Kaiabi e Waurá), temos um total de 69,9% de pessoas alfabetizadas vivendo naquela comunidade; 14,81% de pessoas não-alfabetizadas; e 12,5% de crianças que ainda não entraram em idade escolar – que na comunidade Ikpeng começa em torno dos oito anos de idade, de acordo com o questionário. Dentre as pessoas que receberam os questionários, apenas 2,77% dos entrevistados não responderam a esta pergunta.

De acordo com os dados obtidos nos questionários, dentre as pessoas que se declararam alfabetizadas, 84,1% delas disse ter sido alfabetizada no Posto Indígena Pavuru, onde está localizada a Escola Central Ikpeng – Amure; 2,8% foram alfabetizadas em outras aldeias; e 13,2% não informaram o local.

Em relação ao aprendizado da escrita, 10,6% das pessoas que frequentam ou frequentaram a escola responderam que sabem escrever apenas na língua Ikpeng; 25,8% disseram que sabem escrever apenas em Português; 33,8% delas disseram que sabem escrever nas duas línguas; 0,7% responderam que sabem escrever em outra língua; e 29,1% não responderam a essa pergunta. Dessa forma, podemos dizer que 44,4% das pessoas alfabetizadas sabem escrever em Ikpeng e 59,6% delas sabem escrever em Português. Novamente, os dados mostram que a língua portuguesa ocupa grande espaço dentro do ambiente escolar.

Diante desses fatos, temos que nos perguntar por que a língua portuguesa (sozinha) recebe tamanho destaque na educação escolar dentre os Ikpeng. Será por causa da carência de material didático produzido para se ensinar as práticas de leitura e escrita em sua língua materna? Será por que fora da escola as crianças e jovens só têm contato com textos escritos em português (o que facilita o processo de aprendizagem de leitura e escrita em tal língua)? Independente do motivo, o problema é que essa realidade gera um círculo vicioso, uma vez que se as crianças não aprendem a ler e escrever em sua língua materna e as que aprendem não são estimuladas a isso, quem escreverá os livros em língua Ikpeng para as futuras crianças Ikpeng? Não estamos querendo dizer que o ensino da língua portuguesa deva ser depreciado no contexto escolar indígena, mas sim que o

melhor a ser feito é cultivar a valorização das duas línguas dentro do contexto de pluralidade cultural em que vivem.

Quando perguntados sobre a idade com que começaram a frequentar a escola, as respostas variaram desde os 2 até os 32 anos de idade, sendo que a idade mais citada foi de 8 anos, que aparece 15,9% das vezes. O fato é que não existe uma idade média na qual os pais iniciam seus filhos na vida escolar. Por esse motivo, as salas de aula são muito heterogêneas no que diz respeito à faixa etária dos alunos, pois pode-se encontrar crianças de 7 e adultos de 20 anos na mesma sala de aula.

Em relação à facilidade linguística, os dados apresentados na tabela abaixo mostram que há maior facilidade linguística em língua Ikpeng nas habilidades de fala e leitura, enquanto que, segundo os dados, os falantes demonstram ter mais habilidade na escrita com a língua Portuguesa.

Tabela de facilidades linguísticas

HABILIDADE	LÍNGUA	
	Ikpeng	Português
Falar	94%	75,93%
Ler	56,9%	49,7%
Escrever	44,4%	59,6%

6. Considerações finais

A análise dos 216 questionários revela que a situação sociolinguística do povo Ikpeng é bilíngue e que a língua Portuguesa vem ocupando cada vez mais os espaços sociais de usos orais deste povo. Isso é consequência não só do contato direto com a comunidade não indígena envolvente, como também da forte presença dos meios de comunicação, como a televisão, dentro da terra indígena Moygu, pois como aponta a pesquisa, mais da metade dos lares já possui este aparelho e levando-se em consideração o fato de que quem não a possui pode assisti-la da casa de um parente ou amigo que a possua, quase todos os membros da comunidade Ikpeng têm acesso a esse meio de comunicação e, por meio dele, mantém constante contato com a língua Portuguesa.

No que se refere à alfabetização, a maioria dos entrevistados respondeu que lê mais na língua Ikpeng; porém o mesmo não se repete quando a pergunta se relaciona à escrita, pois a maioria das pessoas respondeu que escreve mais em Português, o que pode ser preocupante, pois numa sociedade de uso linguístico tradicionalmente oral, a função da escrita seria (entre outras) a de documentar a memória e a história da comunidade em sua língua e através da sua própria ótica, pois até hoje isso só foi feito a partir do ponto de vista dos não indígenas e na língua destes.

Para se alcançar esse objetivo é preciso investir em uma demanda de livros em língua Ikpeng que vise a valorização tanto da língua, quanto da cultura deste povo; mas também de ações políticas que os conscientize da importância de registrar suas memórias e os estimule a esse tipo de prática.

Referências

- CAMPETELA, C. *Aspectos prosódicos da língua Ikpeng*. Tese de Doutorado Campinas: Unicamp, 2002.
- _____. *Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng*. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 1997.
- CHAGAS, Angela F. A. *O Verbo Ikpeng: estudo morfossintático e semântico-lexical*. Tese de Doutorado Campinas: UNICAMP, 2013.
- CRUZ, Héctor R. *Diagnóstico Sociolinguístico de Cumaribo, zona de contato indígena – Colono, Vichada*. Série Encuentros. Tesis Laureadas. Bogotá: Universidade Nacional de Colômbia. Faculdade de Ciências Humanas, 2003.
- EMMERICH, C. “*The Txikão language: fricatives or no fricatives?*” Revista Latinoamericana de Estudos Etnolinguísticos 8: Linguística Tupi-Guarani/Carib, p. 65-72, 1994.
- _____. “*A fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise*”. Linguística X. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1980.
- GALVÃO, Eduardo. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1979.
- LEITE, Yonne. “*Línguas indígenas brasileiras e a esperança de um futuro*”. In: V Congresso de Letras da UERJ-SG, 2007, São Gonçalo. Anais do V CLUERG-SG. São Gonçalo: Botelho, v. único. 2007.
- MENGET, Patrick. *Em nome dos outros: classificação das relações sociais entre os Txikão do Alto Xingu*. (Trad. Gonçalo Praça). Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JUNIO, N. “*O desafio de documentar e preservar línguas*”. Scientific American Brasil (Edição Especial), V. 3, p.36-43, 2008. Disponível em: <<http://saturno.museu-goeldi.br/lingmpeg/portal/downloads/publicacoes/desafio-de-documentar-e-preservar-moore-galucio-gabas.pdf>>
- PACHÊCO, F. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)*. Tese de Doutorado Campinas: UNICAMP, 2001.
- _____. *Aspectos da gramática Ikpeng (Karib)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1997.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. D. *Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil*. São Paulo: Ciência e Cultura, v. 57, n. 2, 2005.
- _____. “*Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*”. D.E.L.T.A. São Paulo: v. 9. N. 1., p. 83-103, 1993.
- _____. *Línguas Brasileiras: Para O Conhecimento das Línguas Indígenas*. Ed. Loyola, São Paulo, 1986.

Site Consultado

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ikpeng>